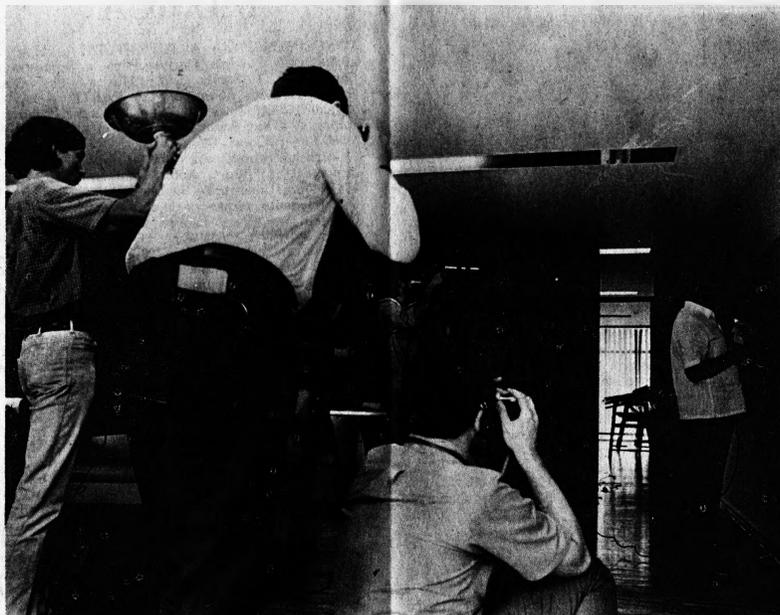


Clóvis Sena

“Itinerário de Niemeyer” e um compromisso com a realidade



O filme que não mistifica o cinema: câmeras e luminadores também são personagens.

O trabalho mais recente desse cineasta, professor da Universidade de Brasília, e a nosso ver o maior documentarista do Brasil, chama-se Itinerário de Niemeyer, produzido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, e que vem de participar do I Festival Brasileiro de Curta-metragem, realizado no Rio pela Maison de France e Museu de Arte Moderna. E neste fim de semana, Vladimir recebe telefonema de um funcionário da Fundação Cultural:

—Quero lhe dar parabéns pelo seu prêmio.

—Ah, obrigado. Mas isso já faz dois meses.

Não se tratava do prêmio conquistado por Vila Boa, e sim por Itinerário de Niemeyer. Primeiro colocado, com o que o autor terá direito a uma viagem a Paris. Por sinal, este é o sétimo prêmio do cineasta e o segundo de Viagem à Europa. O primeiro foi obtido com A Bolandeira, no Festival de Manaus de 1969. Ganhou mas não levou, de vez que, a entidade promotora - Secretaria de Turismo - nunca pagou a distinção que o júri lhe atribuiu.

SEM O ENCANTATORIO

Como Oscar é um homem esquivo e muito simples e que raramente concede entrevistas ou se deixa fotografar ou filmar, o documentarista recorreu a retralhos e flashes cinejornalísticos esparsos de sua carreira, mas o conjunto não forma uma colcha de retralhos, não é arbitrário. Tudo gravita em torno de imagens que funcionam como um estribilho: o próprio mestre da arquitetura riscando com crayon - e incrível facilidade - os projetos mais importantes de sua carreira, num vai-e-vem no tempo e no espaço, como é do gosto do documentarista paulistano, que usa desse recurso em vários dos seus filmes. No entanto, o retrato de Niemeyer é objetivo e equidistante, como uma boa reportagem. Para quebrar a eventual aridez, o cineasta preferiu trabalhar com a trilha sonora e com a montagem que em muitos lances tem sabor de um filme de ficção, dramatizando sem exageros fatos marcantes da vida do arquiteto.

Por exemplo, a música, na seqüência em que

Oscar e Lúcio passeiam prazerosamente em frente às obras da então futura Estação Rodoviária, entram pelas colunas do Teatro Nacional e se postam frente à Esplanada - é a Suíte Popular Brasileira, de Villa Lobos. E o cineasta se valeu dela, por seu ritmo próximo do gosto da rua, algo à Pixinguinha, e numa homenagem ao gosto de Niemeyer, que na intimidade é um exímio tocador de cavaquinho. E numa alusão também ao artista e ao cidadão militante, que sempre se ligou ao espírito do povo.

Na montagem, que quase sempre rompe com a unidade de tempo, Niemeyer ora aparece atuando na calma do seu atelier, ora atravessando de automóvel as ruas de Paris ou Argel. Por momentos, a câmara “sobrevoa” maquetes de cidades e edifícios, para nos detalhes, analisa, acompanhando o raciocínio do entrevistado.

Por analogia com a proposta arquitetônica do concreto aparente, onde não se esconde a mão do artífice, daquele que ergueu com argamassa e ferro e não assina a obra - o filme foge ao encantatório, deixa também aparente e nua a técnica do próprio cinema: câmeras e gravadores, iluminação e equipe, tudo aparece. O documentário do documentarista. Uma certa pobreza do material (negativos de várias origens e épocas diferentes, nem sempre apresentam unidade) é assumida dentro do espírito de um filme de arquivo, com fotografia esmaecida, estourada, e talvez por isso mesmo de grande efeito, algo a lembrar velhos documentários de guerra.

Como pano de fundo, anônima mas presente, a figura dos candangos, na tarefa da construção.

O COMPROMISSO

Vladimir Carvalho veio há cinco anos, como professor visitante da Universidade de Brasília, com um plano de permanência por poucos meses. E na medida em que foi ficando, sentiu evoluir a necessidade do reencontro com a terra e com o homem, dando continuidade à sua preocupação de registro da realidade ou à sua busca da verdade social, como documentarista. Para Vladimir, o documentário é mais que tudo o comentário de uma situação ou de um fenômeno. Não existe imparcialidade, porque o artista que capta o meio e o seu agente transformador, que é o homem, tem de ser solidário e por isso faz a sua opção. E por ter assumido sua opção, Vladimir se recusa aos apelos e às propostas no sentido de ingressar no cinema de ficção. Para ele, a verdadeira atração está, justamente, na transformação da aparente aridez da realidade num ato de criação poética.

O testemunho do nosso cineasta vem se reportando, juntamente com um grupo ligado à Universidade de Brasília (Fernando Duarte, Geraldo Rocha, Rogério Costa Rodrigues) ao quadro cultural de Brasília e do Planalto Central. A Capital Brasileira, como uma esquia do mundo, cosmopolita, mas também como um portal para um Brasil arcaico, que vem sendo apagado pelo progresso e a tecnologia. Por isso, o compromisso se estende igualmente à preservação dos valores culturais ameaçados da memória nacional.

—Eu é que sou responsável pela arquitetura de Brasília. A parte de urbanismo coube a Lúcio Costa.

E mais adiante, diz:

—Não havia uma árvore. Nem uma casa. Mas estávamos certos de fazer um trabalho que interessava ao nosso país, não só pela arquitetura, ou pelo urbanismo, mas também porque era o progresso levado para o interior. Era o país ocupado como se fazia necessário.

O filme em que aparece essa narrativa, de Oscar Niemeyer, é notável e raro. Raro porque, nele, são vistas, juntas, e em Brasília, as duas personalidades mais admiradas da arquitetura e do urbanismo brasileiros, e que são evidentemente o já citado Niemeyer e Lúcio Costa. O filme é notável como tudo o mais que Vladimir Carvalho tem realizado em cinema. E conta-se que, em fins de setembro, quando da realização da Jornada Brasileira de Curta-metragem, em Salvador, um dos concorrentes retirou o seu filme, desanimado, ao se dar conta de que Vladimir Carvalho chegara com um filme seu debaixo do braço. Evidentemente que o prêmio principal daquele encontro coube a Vladimir, pelo seu Vila Boa de Goyaz.